



DISCURSO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: uma análise textual

Eliane Pereira¹

Rosana Maria Badalotti²

Ana Karina Brocco³

Resumo

Na medida em que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST avança em suas ações, se constitui e se articula um processo de formação de base, orientado por discursos produzidos a partir de posições de enunciação expressos também de forma textual. É neste viés que se buscou analisar materiais, como, por exemplo, cartilhas de formação, tendo em vista os posicionamentos político-ideológicos do movimento, em relação a temas como: trabalho de base, formação política, lutas e conquistas, educação e infância, reforma agrária. Tomamos como base a tradição que surgiu na escola francesa de Análise do Discurso (AD) de Maingueneau e presentes nas contribuições de Michel Foucault. As considerações em torno desta análise nos remetem ao fato de que a produção textual possui determinados valores para uma coletividade, ou seja, revela um posicionamento em uma estrutura discursiva, o que permite a compreensão de processos sociais na construção de identidades, de relações de poder, da ordem e da transformação social.

Palavras-chave: Discurso político-ideológico; MST; Formação de Base; Análise do Discurso.

1 Introdução

As abordagens teórico-metodológicas que envolvem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST são diversas. Vários estudos têm sido desenvolvidos neste amplo campo epistemológico, porém, são escassos aqueles que visam analisar os materiais didáticos produzidos por lideranças do MST que promovem diferentes métodos estratégicos de formação de base para o movimento. Diante desta vasta produção, se destacam cartilhas, folders, folhetos, artigos, entre outros. Considerando essa produção nos propomos a analisar parte desse material de caráter

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação – PPGE/UNOCHAPECÓ. Bolsista CAPES/FAPESC. Membro do Grupo de Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas E-mail: liamp@unochapeco.edu.br.

² Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da UNOCHAPECÓ. Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas. E-mail: rosana@unochapeco.edu.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação PPGE/UNOCHAPECÓ. Bolsista CAPES/FAPESC. Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas E-mail: anakb@unochapeco.edu.br.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



político-formativo produzido entre os anos de 1999 a 2014, observando posicionamentos político-ideológicos implícitos e explícitos nestes enunciados.

Para tanto, nos valemos da abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD)⁴ para compreender os sentidos atribuídos a produção textual selecionada. Optou-se por este procedimento, devido à importância que o mesmo possibilita para interpretar e explicar o conjunto textual produzido para o trabalho de base, aqui compreendido como formação político-ideológica, bem como, por considerar o sujeito, a história e a ideologia numa perspectiva que articula a linguagem e o ser social. Para alcançar as dimensões epistemológicas desta análise, as interpretações dos textos seguiram orientações propostas por Iñiguez (2004). Os textos foram selecionados e mapeados, para posterior reconhecimento e ordenação de objetivos formativos ideológicos, explícitos nas várias formas de linguagens ordenadas em toda a estrutura da produção textual.

As referências ou mesmo os resultados alcançados não pretendem dar conta da complexidade que envolve o projeto político-ideológico do movimento, pelo contrário, contribuem para a compreensão da proposta formativa do MST que se articula a um amplo projeto sócio cultural, dos quais fazem parte as ações de educação popular do movimento. A construção artigo está estruturada pela transcrição e apreciação do material escolhido, através de descrição e análise ordenadas aleatoriamente, seguida das considerações finais.

2 Pressupostos teórico-metodológicos

De maneira notória, podemos perceber que a linguagem é fruto de diversas manifestações individuais e coletivas. Ao analisar o discurso de cada indivíduo, a linguagem nos remete a interação como um modo de ação social entre sujeitos. Neste sentido, nos interessa, através da AD compreender um dos modos de articulação e ação efetiva da linguagem, em específico a textual, tendo em vista a análise de como essa função linguísticas discursivas tem sido produzida por um movimento social em específico. Como forma de viabilização desta análise, convém a reflexão de Mortatti

⁴ Segundo Maingueneau (1993), a Análise do Discurso surgiu na década de 1960 associada a uma tradicional prática escolar francesa: a explicação de textos. Enquanto metodologia, privilegia a interdisciplinaridade, articulando pressupostos teóricos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



(1999, p.72):

O ofício de pesquisador é também uma atividade especificamente humana, constituída e mediada pela linguagem, cuja especificidade consiste na produção de conhecimentos [...] Para essa atividade, não basta ao pesquisador ser usuário ou aplicador de conhecimentos disponíveis e em circulação na sociedade e na universidade. É preciso que ele consiga refletir sobre esses conhecimentos, estabelecer relações, categorizar, abstrair e articular coerentemente teoria e empiria, como atividade que lhe propicie ser sujeito de um discurso e seu sentido.

Entende-se deste modo, que a linguagem não poderá ser estudada fora do âmbito social, visto que, o processo que a constitui e seus sentidos são histórico-sociais, pois segundo a AD, “a linguagem é simultaneamente um indicador da realidade social e uma forma de criar essa realidade. Ela defende o uso dinâmico da linguagem e é sensível a seus efeitos [...]”. (ORLANDI, 2002, p. 17). Ou seja, a linguagem como campo do conhecimento neste contexto é compartilhada socialmente, sendo ela denominadora comum da ação e interação dos discursos presentes nas práticas sociais. Essa vertente presente na AD enfocava a linguagem em seu uso literal, concreto, como sendo uma prática social na qual contempla a produção de sentidos dos discursos resultantes dos processos de interação entre sujeitos.

Como a linguagem tanto oral ou escrita neste contexto está diretamente envolvida a um discurso político-ideológico o qual pretendemos investigar, cabe melhor elucidá-lo. O discurso como forma de interação social, apresenta interesses, problemas e estratégias que dão sentido as representações identitárias sociais. Nas palavras de Foucault (1969, p. 122-123),

Um conjunto complexo de relações que funcionam como regras: prescreve o que deveria ter sido posto na relação, em uma prática discursiva, para que essa se refira a tal ou qual objeto, para que utilize tal ou qual conjunto, para que organize tal ou qual estratégia. Definir, em sua individualidade singular, um sistema de formação, portanto, é caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.

Uma das preocupações ao realizar a AD, é o fato de ser o discurso uma prática central na construção da vida social em determinados grupos, o que nos leva afirmar que não há uma interpretação absoluta dos dados *a priori*, pelo contrário, estas práticas, assim como o discurso, se edifica e particulariza-se na relação que se estabelece.

Embora Foucault (1969) tenha contribuído significativamente com o método de AD, ao formular algumas de suas diretrizes, deixou aos linguístas a importante tarefa de

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



aprofundá-la. Dentre as principais contribuições de Foucault para este campo de estudo, podemos citar: conceito de discurso como práticas, resultado de saberes articulado a outras práticas não discursivas; conceito de formação discursiva; distinção entre enunciação e enunciado; concepção de discurso como jogo estratégico e polêmico, como luta; concepção de que o discurso, como gerador de poder, seleciona, organiza; redistribuidor de certos procedimentos que garantem a estabilidade de seu poder; concepção de que o discurso é o espaço no qual saber e poder se articulam.

De acordo com Maingueneau (2005, p.15) discurso é “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Para esse autor, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos. Embora não haja consenso entre os vários linguistas sobre o significado do termo discurso, há em comum entre todas as correntes que o analisam, o fato de não se focalizar no funcionamento linguístico, mas sim na relação que o sujeito e esse funcionamento estabelecem reciprocamente. Ou seja, o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não se trata tão somente da linguagem, mas o que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de consciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas (MAINGUENEAU, 2005).

Nesta mesma linha de pensamento, Gill (2002) vai afirmar que uma análise deve ser realizada com muito cuidado, pois neste intento, deve ser observado o texto em seu contexto, a fim de interpretá-lo detalhadamente em sua simbologia. Destarte, cabe compreender que todo discurso é ideologicamente marcado não por um sujeito individual, mas coletivo. Dentre os principais objetivos da AD, um deles pressupõe identificar os processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem e suas principais bases epistemológicas. A hipótese que nos envereda, é a ideia de que nenhum indivíduo por si só é dono do seu discurso, mais assujeitado por ele. Logo, quando um sujeito interioriza a construção coletiva, tornando-se porta-voz daquele discurso, é representante de um ideal.

É no centro desta relação (discurso e ideologia), que a AD toma para si a noção de sujeito que se constitui na relação dinâmica entre identidade e alteridade. Para ela, o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro e no centro desta relação está o espaço discursivo criado e entre ambos, está o texto, no qual interessa-nos observar, analisar e melhor compreender.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



3 Análise dos *Corpus*

Conforme apresentado na introdução, o presente artigo se propôs a analisar sobre diferentes materiais didáticos produzidos pelo MST. Para tanto, extraímos deste material os enunciados construídos e utilizados pelo movimento para a realização das atividades de formação política de base de acampados e assentados do movimento. Neste sentido, a AD utilizada para a interpretação dos dados, foi a “AD de tradição francesa”, a qual nos possibilita relacionar as estruturas das linguagens com as sociais. “Ou seja, possibilita a compreensão do social a partir da análise e da interpretação do discurso” (IÑIGUEZ, 2004, p.147).

A escolha dos textos se deu pela relevância que os mesmos apresentaram, considerando a proposta das autoras para este campo de investigação, “[...] o/a analista deve estabelecer uma relação ativa com os/as leitores/as de seu trabalho e tentar mostrar como realizou sua leitura do texto [...] no sentido de estar sempre aberta ao debate e à discussão das interpretações realizadas” (IÑIGUEZ, 2004, p.145).

Os recursos técnicos de investigação que a AD mobiliza são muitos, todavia, é preciso ter clareza que independentemente da ferramenta escolhida, esta deve ser trabalhada na totalidade do corpus. Cabe esclarecer, que o enfoque de AD escolhido para esta análise permite que todo e qualquer elemento possa ser estudado enquanto marca de discurso e/ou marca linguística, pois se trata de uma análise vertical e não horizontal; “o importante é captar a marca linguística e relacioná-la ao contexto sócio-histórico” (GILL, 2002, s/p).

Os textos selecionados e analisados se orientavam pelas seguintes questões: planejamentos, propostas e estratégias de formação de base. A leitura deste material propiciou a seleção de diversas paráfrases acerca do trabalho de base, que traduzem discursivamente o objetivo politizador do MST a partir da formação de novos militantes tendo em vista, reafirmar e fortalecer o movimento.

Após a catalogação dos materiais considerados centrais, optou-se pelo procedimento analítico da *Retórica*⁵, proposto por Billing (1987): “A proposta de Billing é especialmente útil para analisar a credibilidade e a legitimidade que um texto transmite. Além disso, permite identificar linhas de coerência de um argumento que possam ficar

⁵ “Retórica: discurso que é elaborado e construído de forma a levar em consideração versões ou pontos de vista alternativos ou opostos” (IÑIGUEZ, 2004, p.307).

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



ocultas sob uma fachada aparentemente desconexa” (IÑIGUEZ, 2004, p.143).

Ao utilizar o procedimento da retórica do discurso, consideramos que os processos de formação política do movimento estão em confronto constante com pressupostos de um sistema hegemônico, na medida em que o discurso do movimento possui uma proposta de ação e objetivos estratégicos de articulação de base, que destacam a importância de mobilizar seus sujeitos, propondo-lhes criticidade e cumprimento de seus princípios. A esse enunciado de base, foram agrupadas as paráfrases encontradas nos diferentes textos utilizados pelo MST dentro de um eixo principal: Discurso Político-ideológico. Nas análises que se seguem, não serão obedecidos critérios de ordem cronológica, sendo que as exposições serão apresentadas aleatoriamente, de modo que se cruzem e se complementem.

A cartilha que motivou esta análise se trata de publicação do Projeto Popular para o Brasil – Trabalho de Base, cartilha nº 4 (1999). Já a partir da capa de tal material é possível realizar uma análise da simbologia e significado que a cor vermelha possui para a luta do movimento. De acordo com informações disponibilizadas no site do MST, esta cor representa o sangue derramado de seus companheiros, ou seja, o sangue de militantes que foram mortos em confrontos. Tal simbologia está presente também na cor da bandeira do MST que expressa o objetivo de renovar a vontade de lutar dos trabalhadores e destes trabalhadoras do movimento.

Na apresentação do mesmo material, as informações que seguem remetem as seguintes afirmações: “Aprendemos com a história que sem conhecer a realidade e sem o trabalho de base não há mobilização popular e, muito menos, transformação social” (Cartilha nº 4, 1999, p.5). Apostar no trabalho de base exige posicionamento político, tempo, dedicação, recursos e principalmente pessoas que o façam.

Percebe-se que há um desafio ao articular a formação de base, por tratar-se de atividades que englobam “Frente de Massas”. Este tema gerador encontra-se enunciado na cartilha: Sobre os nossos desafios e as linhas políticas de atuação do MST - Debate do VI Congresso Nacional do MST (2013, p.43) que expõe: “O trabalho de base, e o conjunto das atividades da Frente de massas, desde nosso nascedouro sempre foi o carro chefe da nossa política”. O desafio deste enunciado busca chamar atenção para o fato de que o movimento tem perdido a capacidade de mobilização e recrutamento de novos militantes que estejam dispostos a defender as bandeiras do MST.

A reflexão que se faz diante deste impasse, é que permanecer com e no movimento tem sido difícil, já que as condições precarizadas deste sujeito coletivo é um

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso.** Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



fator histórico, pois de acordo com Stedile (2000), a história camponesa atravessa cinco séculos de luta contra o latifúndio, desafiando o modo capitalista de produção, resistindo à exploração e à expropriação. Cenário que perdura ainda hoje, levando milhares de militantes a desistirem da luta pela terra. “É essa a base social que gerou o MST” (STEDILE, 2000, p.17).

Depreende-se desta afirmação, que o MST ao tornar-se símbolo da luta pela terra no Brasil, tem criado táticas ancoradas em aprendizados históricos: “Depois de 30 anos, devemos aprender a superar os desafios com a própria experiência, bebendo da nossa própria fonte: das lições da luta pela terra. São destas lições que devemos rever e fortalecer, zelar ou mudar [...]” (Cartilha: Sobre os nossos desafios e as linhas políticas de atuação do MST - Debate do VI Congresso Nacional do MST, 2013, p.5). Condizente com esta postura assumida pelo movimento, podemos observar que o mesmo possui um olhar no horizonte ao apresentar ainda neste material a categoria “**Olhando para futuro...**” (Ibidem, p.9), sendo que o objetivo estratégico apresentado neste item em específico subscreve que para se construir uma identidade sólida é preciso fortalecer as alianças, ampliar a camada popular, ou seja, ascender velhas e novas ideologias que envolvam toda classe trabalhadora, seja no campo ou na cidade. Este item nos chama atenção, pois, tal frase nos remete a uma situação ambígua, onde por um lado, permite pensar na perspectiva afirmativa da ação do movimento, ou seja, o futuro que se almeja, livre de hierarquias e desigualdades. Destarte, pode remeter a incerteza, insegurança, portanto, um olhar atento a um futuro incerto, permeado por desafios econômicos, políticos e sociais em constante transformação. O movimento através de suas ações políticas e formativas nos permite constatar que seu discurso político-ideológico está atrelado a uma bandeira maior, a Educação. A trajetória histórica do MST no campo da educação se desenvolve através de dois eixos complementares: a luta pelo direito à educação e a construção de uma nova pedagogia (CALDART, 1997). Ainda segundo a autora, as práticas educativas desenvolvidas pelo MST têm o objetivo de fortalecer a luta do movimento, consolidando-se para a construção de uma contra-hegemonia. “A questão da legalização de escolas nos acampamentos é uma bandeira específica de luta do MST, em vista de garantir o próprio direito constitucional das crianças e dos jovens à educação” (CALDART, 1997, p.32).

O MST ao longo de sua história, vem organizado escolas em diferentes acampamentos e assentamentos, tem implementado uma pedagogia própria e desenvolvido diversas atividades formativas para a população sem terra. Isso pode ser



observado nos textos analisados onde a educação sem terra está atrelada ao trabalho de base. “A democratização do conhecimento é considerada tão importante quanto à reforma agrária no processo de consolidação da democracia” (MST Lutas e Conquistas – Reforma Agrária: Por justiça Social e Soberania Popular, 2010, p.21).

Com o objetivo de debater e refletir sobre a infância vivida no movimento, se destaca uma proposta de formação coletiva aos núcleos de base, intitulado: Caderno da Infância nº 1 – Educação da Infância Sem Terra: Orientações para o trabalho de base (2011). A função do caderno pode ser interpretada como um manual que possui a missão de nortear o trabalho político-pedagógico. O mesmo está composto por cinco encontros denominados: 1º Encontro – A Infância: que tempo de vida é este?; 2º Encontro – A Família; 3º Encontro – A criança e a Coletividade; 4º Encontro – O cuidar e o educar; 5º Encontro – O Trabalho. Todos os encontros previstos neste caderno corroboram indiretamente com os princípios pedagógicos observados na cartilha “Por uma educação básica do campo” (1998), que estabelece relações teórico/práticas sobre o papel da escola nos assentamentos. Diante do processo histórico em que se encontra o MST, o material de formação expõe três compromissos básicos que a escola deve assumir: 1. “*Compromisso com a transformação social*”, compreendida em sua totalidade como a educação para o trabalho no campo e o compromisso com os projetos de desenvolvimento do assentamento; 2. “*Compromisso com a transformação*”, ou seja, o vínculo orgânico entre educação e cultura do povo do campo e, 3. “*Compromisso ético/moral com cada e de cada participante de nossas práticas educacionais, enquanto pessoas humanas, singulares e sociais [...]*”, entendida especialmente como o vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos (Cartilha de Encontro Estadual: Por uma educação Básica do Campo, 1998, p.17).

Os compromissos aqui elencados evidenciam a relação infância/movimento “O lugar da criança do Movimento é no MOVIMENTO. Ela não pode ser pensada em separado da luta de sua família, de todos e todas Sem Terra” (Caderno da Infância nº1 Educação da Infância Sem Terra – Orientações para o trabalho de base, 2011, p.16).

Nestes compromissos, o MST enfatiza que o trabalho tem um valor substancial. É o trabalho que os identifica como classe, é por meio dele que é possível construir novas consciências e novas relações sociais, sejam estas coletivas ou individuais. Mediante esta afirmação, cabe retomarmos o discurso de Reforma Agrária, a qual tem sido referência na conquista da terra. Esse discurso traduz a eminência incontestável da existência do MST, prova disso, são as inúmeras cartilhas produzidas e lemas compartilhados pelos



trabalhadores/as do campo. Tomamos como referência para analisar este *corpus* a cartilha “Programa Agrário do MST – Lutar! Construir a Reforma Agrária Popular” (2014).

Nos enunciados de base do discurso sobre a Reforma Agrária, podemos inferir que esta, tornou-se uma bandeira de luta histórica, que tem perpassado grandes mudanças estruturais e econômicas durante todo seu percurso. Observa-se nestes enunciados, que o MST ao propor um programa de Reforma Agrária defende um modelo de agricultura que pretende conquistar, a partir de uma organização que visa fortalecer e qualificar uma base consistente capaz de confrontar as disparidades de uma sociedade capitalista (Programa Agrário do MST – Lutar! Construir a Reforma Agrária Popular, 2014). Diante do exposto, é possível afirmar que as ocupações de terra neste sentido, fazem parte dos discursos político-ideológicos dos sem terra, sendo estes apresentados em formato de lemas e/ou palavras de ordem do movimento, um chamado àqueles que se identificam com a classe. Na grande maioria, os lemas surgem nos trabalhos de bases, congressos, mobilizações, entre outros. As palavras de ordem e/ou lemas além de representarem um projeto político, devem ser:

[...] um instrumento de agitação e propaganda das idéias do programa para a militância, as massas e na sociedade brasileira em geral [...] Nosso lema, precisa sinalizar para o conjunto da base do movimento e todos os nossos aliados na sociedade, de que nos mantemos firmes na defesa de nossos objetivos políticos de lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por transformação social (Ibidem, p.47).

A fim de problematizarmos os discursos político-ideológicos do MST apresentados até o momento, cabe pensarmos se os trabalhos de base tem reafirmado uma postura contra-hegemônica⁶. Para tanto, alguns questionamentos norteiam nossas reflexões: Podemos afirmar que o MST se caracteriza como um movimento contra-hegemônico, por apenas contrapor-se ao modelo hegemônico? Os trabalhos de base contribuem para emancipação político-social de uma sociedade mais justa? Diante destes apontamentos e com bases nas análises dos *corpus* produzidos pelo movimento poderíamos inferir que sim.

Contudo, caberia maior aprofundamento sobre as dimensões teórico/prática que

⁶ Para maiores esclarecimentos do conceito contra-hegemônico, é preciso entender [...] que todo processo hegemônico produz um processo contra-hegemônico no interior do qual são elaboradas formas econômicas, políticas e morais alternativas. (SANTOS, 2002).

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



envolvem a análise destes questionamentos. Nas palavras de Frigotto (1991, p. 81) “a práxis expressa, justamente, a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas no processo de conhecimento: teoria e ação. A reflexão teórica sobre a realidade não é uma reflexão diletante, mas uma reflexão em função da ação”.

Dentro das linhas políticas de formação do MST, as ações e estratégias, reforçam a importância de impulsionar a superação dos desafios impostos pela realidade da luta de classe. “É um processo contínuo, amplo, infinito e sistemático de reflexão sobre a prática [...]” o objetivo principal é “[...] formar, formadores na perspectiva de elevar o nível de conhecimento e experiência prática [...]” (Cartilha: Sobre os nossos desafios e as linhas políticas de atuação do MST - Debate do VI Congresso Nacional do MST, 2013 p. 28-29). O mesmo material, segue apresentando diferentes estratégias, expressas de maneira normativa, caracterizando um “manual” de como articular e organizar lideranças que deem continuidade a luta pela Reforma Agrária; Educação do/no Campo; Moradia Digna; entre outras categorias multifacetadas da luta de classe.

A análise realizada nos direciona para novas temáticas de pesquisa neste amplo campo epistemológico que não foram problematizadas neste artigo, e que se colocam como desafio aos pesquisadores, tendo em vista a complexidade que envolve os discursos político-ideológicos apresentados por um movimento que se coloca como sujeito social em busca de transformações tão amplas.

Por outro lado, esta análise se valida, pois os processos discursivos elencados e analisados confirmam que o trabalho de base que orienta a formação política e ideológica do movimento fortalecem a articulação coletiva do mesmo em direção a permanência na luta e na construção de diferentes práticas, estratégias e discursos político-ideológicos que reforcem as bandeiras de luta em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

4 Considerações Finais

Neste artigo nos colocamos o desafio em analisar o material didático e formativo produzido pelo MST, tendo em vista a Análise do Discurso enquanto interpretação da interdiscursividade, por acreditar que todo discurso indiretamente carrega ideias de tantos outros discursos preexistentes. Neste sentido, conforme aponta Bakhtin, (1992, p.319) “[...] todo discurso dialoga com outro discurso e toda palavra é cercada de outras palavras”, ou seja, todo discurso individual é coletivo, pois toda interdiscursividade é

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. *Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso*. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



composta por múltiplas vozes.

Tomando a AD como fundamento e recurso metodológico, analisamos e estabelecemos relações entre as paráfrases e enunciados encontrados nos materiais de formação do MST, os quais nos remetem a constatação de que a produção textual possui determinados valores para uma coletividade, ou seja, revela um posicionamento em uma estrutura discursiva, o que permite a compreensão de processos sociais na construção de identidades, de relações de poder, da ordem e da transformação social. Neste sentido, todo discurso está atrelado a tantos outros, significando que não existem textos neutros e imparciais. Logo, todo discurso textual representa os princípios, valores e ideologias de determinada coletividade, que se coloca em ação, movimento e construção de saberes e representações, estabelecendo um debate político-ideológico dentro de uma estrutura social.

Constatou-se também, através desta análise, que o MST tem buscado ao longo de sua história fortalecer a luta pela terra e uma educação vinculada ao trabalho como princípio educativo. Os documentos analisados demonstram que a preocupação do movimento está na formação política de base, que busca questionar e superar uma série de condicionantes impostos pelo modo de organização e produção capitalista historicamente dominante em nossa sociedade. Este desafio vivenciado pelos sujeitos sem terra tem levado a mobilização e articulação do movimento pela reforma agrária, educação do/no campo, moradia digna entre outras bandeiras que representam a luta desta classe de trabalhadores e trabalhadoras.

Cabe ressaltar, que este artigo, apresenta resultados parciais de uma dissertação de mestrado que se encontra em desenvolvimento e que possui como objetivo: identificar como a formação político-ideológica associadas às práticas educativas não formais promovidas pelo MST são resignificadas (em sentido e ação) pelos sujeitos sociais do Assentamento Dom José Gomes.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em movimento**: formação de educadoras e educadores no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **La Arqueología del saber**. Madri: Siglo XXI, 1969.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]



FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

GILL, Rosalind. Análise de discurso In: Bauer MW; Gaskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1993.

MORTATTI, Maria do Rosário. Longo. **Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação**. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (PR), Outubro de 1999, p. 69-77.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Curiosidades sobre bandeira do MST**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/content/curiosidades-sobre-bandeira-do-mst>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

_____. **Cartilha trabalho de base: projeto popular para o brasil**. São Paulo, 1999. Nº4.

_____. **MST - lutas e conquistas – reforma agrária: por justiça social e soberania popular**. 2 ed. 2010.

_____. **Sobre os nossos desafios e as linhas políticas de atuação do MST - Debate do VI Congresso Nacional do MST**. Abril de 2013.

_____. **Programa Agrário do MST – Lutar! Construir a Reforma Agrária Popular**. 4 ed. 2014.

_____. **Cartilha de encontro estadual: por uma educação básica do campo**. Maio de 1998.

_____. **Educação da infância sem terra: orientações para o trabalho de base**. 2011. Caderno da Infância nº 1.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A análise de discurso e seus entremeios: notas para a sua história no Brasil: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas: Jan./Jun. 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org). **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, B.M. **Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

Referência:

PIOVEZANA, Leonel; CECCHETTI, Elcio; OLIARI, Gilberto; OLDIGES, Monica M. T. **Anais II Seminário Internacional de Culturas e Desenvolvimento; II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas; V Colóquio Catarinense do Ensino Religioso**. Chapecó: Argos, 2015, 1995p. [ISBN: 978-85-7897-148-9]